

O ESTÁGIO E A COMPREENSÃO DO CUIDAR E EDUCAR COMO ELEMENTOS DE UMA MESMAVERTENTE NO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Cláudia Gomes RODRIGUES,

Suellen Alves SILVA

Lindalva Pessoni SANTOS

Sessão de Pôsteres

Resumo: Este artigo tem por finalidade apontar e discutir os desafios encontrados no Estágio Curricular na educação infantil em relação principalmente ao trabalho a ser desenvolvido com crianças de zero a dois anos; discute-seo papel fundamental desse tempo/espaco de formação na construção de saberes norteadores para a compreensão da indissociabilidade do cuidar e educar nas ações educativas desenvolvidas com os pequenos. Busca-se também evidenciar as sutilezas em que essas ações são desenvolvidas partindo sempre do princípio da relação cuidar e educar. Nessa perspectiva, pontua-se que em todas as situações presentes nas instituições de educação infantil devem ser criadas possibilidades de desenvolvimento para as crianças, aproveitando de cada situação para que esse desenvolvimento aconteça sempre de maneira formativa e prazerosa. É de suma importância que as práticas educativas estejam sempre ligadas as práticas de cuidar como forma de potencializar o desenvolvimento das crianças em todos seus aspectos. Este trabalho estruturou-se a partir de uma revisão bibliográfica que trata do tema e legislação pertinente ao campo da educação infantil que normatiza esta questão. Aqui destacamos alguns autores considerados essenciais defensores desta proposta: Nono (2015) Gomes (2009), Ostetto (2000), Tristão (2006), Oliveira (2012), DCNEI (2010).

Palavras-chave: Cuidar. Educar. Sutileza. Educação Infantil.

Introdução

Desde pequena, a criança tem a necessidade de interação com o meio em que esta inserida e é fundamental que esse meio seja um ambiente humanizante. As instituições educacionais, como creches e pré-escolas, devem trabalhar com olhares atentos, uma vez que ser professor (a) de crianças é uma profissão caracterizada pelas sutilezas.

A educação institucionalizada de crianças pequenas é uma questão que vem sendo debatida algum tempo, são construções históricas que resultam em diferentes concepções e práticas que são periodicamente ressignificadas.

A compreensão da importância desse processo veio a partir do estágio curricular que proporcionou aproximar do campo profissional da docência em educação infantil, por meio da

relação constante entre teoria e prática que amplia as possibilidades de construção de uma prática educativa transformadora no trabalho com as crianças; a base desse trabalho está alicerçada num dos fundamentos e princípios mais importantes dessa fase que é a compreensão da indissociabilidade do cuidar e educar.

Algumas transformações históricas ocorridas na educação infantil no Brasil

Até meados do século XIX não existia no Brasil locais como creches que atendessem crianças que ficavam longe de seus pais. Por volta de metade do século XIX foi criado os primeiros *jardins de infância*, com conceitos elaborados na Europa. Durante muito tempo as creches foram vistas apenas como um local em que as crianças, filhas de trabalhadores de classe dos proletariados tivessem onde ficar durante o período de trabalho. O que se alterou depois de um tempo, com a procura de atendimento para os filhos de burgueses.

A relação do cuidar e educar eram completamente inexistentes, uma vez que o cuidar era visto apenas como uma atividade destinada às crianças mais pobres, já que a educação para elas seguiam sempre como aparelhos reprodutores de ideologias dominantes da sociedade. O “educar” por sua vez era destinado às crianças de grupos socialmente privilegiadas.

Segundo Oliveira (2012):

O atendimento as crianças pobres em instituições como creches, parques infantis e pré-escolas, possibilitaria a superação das condições sociais desprivilegiadas em que as mesmas viviam, mesmo sem alterar as estruturas e fatores sociais que geravam aqueles problemas. Sob o nome de *educação compensatória*, foram sendo elaboradas propostas de trabalhos junto às creches e pré-escolas que atendiam a população de baixa renda. Essas propostas entendiam que o atendimento pré-escolar público, por receber uma clientela mais pobre, deveria remediar as carências das crianças. Além disso, defendiam uma estimulação precoce para a alfabetização, tarefas que as instituições que defendiam as crianças pouco assimilaram, mantendo-se em seu cotidiano práticas geradas por uma visão assistencialista. (OLIVEIRA, 2012, p.26).

Durante a década de 60, com a criação da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluí as escolas maternas e os jardins de infância no sistema educacional das crianças.

Em 1988 foi aprovada a Constituição, a qual reconhece a educação como laica, gratuita, obrigatória e co-educativa, juntamente com o ECA, *Estatuto da Criança e do*

Adolescente, de 1990, concretizando as conquistas dos direitos as crianças. Em 1996, com a LDB a Educação infantil passa a ser considerada etapa inicial da Educação básica, o que passa a ter grande importância e grandes desafios a serem enfrentados com o trabalho com crianças. Ressalta Oliveira (2012) que:

Ao tomar parte a Educação Básica, a Educação Infantil é chamada a refletir sobre a questão curricular ao mesmo tempo em que garante a especificidade da educação e cuidado dos bebês e crianças pequenas. Seu desafio é superar uma prática pedagógica centrada no professor e trabalhar, sobretudo, a sensibilidade deste para fazer uma aproximação real da criança, compreendendo-a do ponto de vista dela, e não do ponto de vista do adulto. (OLIVEIRA, 2012, p.38).

As transformações que ocorreram a respeito da educação infantil foram de extrema importância para a construção de saberes necessários para o trabalho com os pequenos. A partir da criação da LDB 9394/96, a criança passa a ter seus direitos defendidos, o que hoje é fundamental nessa faixa etária.

Em 2009 é definido as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que apresenta uma definição de currículo e princípios orientadores de um trabalho pedagógico que respeite e proporcione desenvolvimento e aprendizagem para todas as crianças.

A complexidade do trabalho com crianças de zero a três anos em instituições educacionais

Ao adentrarmos em creches é comum nos depararmos com atividades rotineiras, automáticas como os cuidados diários como banho, alimentação, troca de fraldas, embalos para dormir. Essa rotina, para muitos, são ações exclusivamente ligados aos cuidados que as crianças devem receber em instituições que as acolhem enquanto seus pais ou responsável estão trabalhando. A ausência da percepção desses atos em sua dimensão educativa reduz em muito as possibilidades de uma formação para a autonomia, para o acolhimento, para a humanização em seu verdadeiro sentido.

Segundo Nono (2015 p.3) “as instituições infantis devem ser espaços nos quais as crianças possam aprender, crescer, desenvolver-se, sempre com olhar atento dos adultos”.

O trabalho diário não pode ter o intuito das crianças produzirem algo “concreto”, ou seja, atividades conhecidas nas instituições de ensino como tarefas, mas aproveitar cada ato como momento propício de cuidado e educação, “[...] tratar de todas as situações presentes

neste espaço como possibilidades de desenvolvimento para as crianças [...] (NONO, 2015, p. 2).

Tristão (2006) ressalta que:

Grande parte do tempo em um berçário é dedicado às atividades rotineiras: de chegada, de alimentação, de troca, de banho e de descanso, que, com frequência, não recebem a atenção das professoras, não sendo assim, refletidas e avaliadas. No imaginário das profissionais da educação e, mesmo, no senso comum, há a noção de que deve haver a produção de algo para estar caracterizado como processo educativo, bem de acordo com a noção da sociedade capitalista onde vivemos, que valoriza os resultados como lógica estruturante. (TRISTÃO, 2006 p.40).

O trabalho com crianças envolve as sutilezas encontradas nos pequenos detalhes do dia-a-dia. É por meio desses pequenos detalhes que as crianças vão desenvolvendo suas capacidades, sejam elas emocionais, sociais ou intelectuais. É necessário saber que toda e qualquer situação vivida pelos pequenos durante a educação infantil devem ser consideradas educativas, pois as mesmas fazem com que elas aprendam e se desenvolvam de alguma forma. Souza (2008) afirma que quando reconhecemos todas as atividades desenvolvidas como formas educativas fazemos com que as atividades tenham relevância, e que quando bem observadas e trabalhadas tornam tanto para as crianças como para os adultos, atividades de extrema significância.

É de extrema importância que os profissionais da educação infantil criem situações para que as crianças possam realizar novas experiências. Essas situações só serão fomentadas se os professores conhecerem e respeitarem a realidade de cada criança. É importante ressaltar que o tempo das crianças não segue o mesmo tempo dos adultos, e que nenhuma criança se desenvolve igual à outra, todos possuem suas especificidades. Segundo Tristão (2006):

São os olhares das professoras que estarão dando sentido a tudo o que acontece com as crianças pequenas, podendo cair no turbilhão característico da rotina do trabalho diário, tratando-os como um todo homogêneo, ou percebendo-os como plurais, heterogêneos. (TRISTÃO, 2006, p.51).

O estágio como disciplina curricular no curso de formação de professores nos permite maior aproximação com as crianças e com o futuro campo profissional, oportunizando observar de perto suas especificidades. Permite ler e problematizar as concepções e práticas na creche e vislumbrar formas de reinventá-las, reconstruí-las e ressignificá-las de acordo com os

interesses e as necessidades das crianças. Segundo Gomes (2009 p.74): “o estágio é teoria e prática ao mesmo tempo, pois toda prática subentende uma teoria que a informa”.

A construção de um trabalho voltado às necessidades e interesses das crianças, alicerçada por uma prática humanista e emancipatória favorece a construção de sujeitos autônomos, com capacidade de atuar ativamente na sociedade em defesa dos direitos de todos.

Cuidar e educar: elementos de uma mesma vertente

As instituições de ensino infantil possuem duas importantes funções ao lidarem com crianças: cuidar e educar. É necessário que em hipótese alguma haja a dissociação entre essas duas práticas.

Todas as ações realizadas com as crianças, mesmo quando ainda pequenas, no caso dos berçários, exigem que sejam para total desenvolvimento das mesmas. São essas ações quase que imperceptíveis que darão sentido as necessidades das crianças.

Desde pequenas as crianças possuem desejos e necessidades, a negligência dessas ações pode proporcionar desde cedo à passividade a essas crianças, uma vez que elas não possuem vez e voz no meio em que esta inserida. Segundo Tristão (2006):

Ao deixar um bebê com as fraldas sujas, chorando, sem interações, sem oportunidades de conhecer e explorar o mundo que o rodeia, está-se passando para esse ser humano desde cedo a ideia de que seus desejos e necessidades não precisam não precisam ser atendidos. Está-se ensinando esse bebê a se conformar com situações desconfortáveis, a ser passivo com uma realidade cruel. (TRISTÃO, 2006, p.47).

É preciso ampliar o entendimento sobre a relação cuidar e educar na educação infantil; essa compreensão potencializa o fazer do educador que agirá sempre com uma intenção educativa. Ações lúdicas proporcionam grande desenvolvimento aos pequenos; diferentes possibilidades de aprendizagem vão sendo construídas se “[...] às práticas de cuidados estiverem interligadas às práticas em que se educa, em que se proporciona a conquista de linguagem, a exploração do próprio corpo e dos movimentos, o desenvolvimento da autonomia, a percepção do mundo e a atuação sobre ele” (NONO, 2015, p. 2).

Trabalhar com intencionalidade faz com que o trabalho realizado nas creches ganhe maior significação, proporcionando as crianças experiências significativas. É fundamental que o professor (a) conheça a realidade a qual a criança está inserida para que essa experiência

seja realmente algo novo e não cair na rotina, na repetição de algo que já é habitual a ela. Para Ostetto (2000, p. 178) “[...] o ato de planejar pressupõe o olhar atento à realidade.”

Cuidar e educar envolve todas as sutilezas encontradas no trabalho com as crianças, estar com olhares atentos a essas sutilezas faz com que esse trabalho realmente aconteça e se torne relevante para a criança.

Considerações finais

Diante do exposto buscamos nesse artigo ressaltar a necessidade dos educadores infantis estarem com olhares voltados diretamente as crianças pequenas. Envolvendo saberes essenciais de uma pedagogia que deve ser trabalhada nos seus mínimos detalhes, abordando todas as possíveis sutilezas nas ações realizadas com as crianças.

Ressaltando a importância das professoras de crianças pequenas ouvirem, dar voz, vez, sentirem, olharem cada criança a qual é responsável, respeitando suas especificidades, seu tempo, sua realidade, de forma a não levar o trabalho para as rotinas automáticas das instituições educativas. A compreensão da relação “cuidar e educar” é determinante na formação dos docentes que vão atuar nesta faixa etária, é um conhecimento que favorece o desenvolvimento integral das crianças.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Nacionais da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

NONO, Maévi Anabel. **Educar e cuidar nas creches e pré-escolas**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNIVESP. Unesp – Departamento de Educação – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/01d12t04.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

OLIVEIRA, Zilma de Oliveira, MARANHÃO, Damaris, ABBUD, Ieda (et. al.). Um campo de disputa. In: OLIVEIRA, Zilma de Oliveira, MARANHÃO, Damaris, ABBUD, Ieda (et. al.). **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando as experiências de estágio. Campinas-SP: Papyrus, 2000, p. 175-198.

SOUZA, Andressa Célis; WEISS, Vanilda. Aprendendo a ser professora de bebês: experiência de estágio com crianças de oito meses a dois anos. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José Martins (et. al.) **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 39-58.